

LINGUAGEM VERBAL, ARGUMENTAÇÃO E POLIFONIA

LANGAGE VERBALE ARGUMENTATION ET POLYPHONIE

Carla Roselma Athayde Moraes*

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e modificam (...) meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias(...)

(Clarice Lispector, 1971:99-100)

RESUMO: Este artigo trata das relações entre linguagem verbal e os sujeitos que agem no processo de interação. Da articulação, no texto, dos elementos lingüísticos e extralingüísticos que permitem abordar o discurso como uma prática humana, determinada pelos movimentos social, histórico e cultural. Do papel da polifonia e da argumentação, a partir de uma reflexão teórica e da análise de um texto de Luís Fernando Veríssimo.

PALAVRAS CHAVE: Linguagem verbal, sujeitos, argumentação, polifonia.

RESUMÉ: Cet article s'occupe des relations entre le langage verbale et les sujets qui agissent dans le procès d'interaction. De l'articulation, dans le texte, des éléments linguistiques et extralinguistiques qui permettent aborder le discours comme une pratique humaine, déterminée par les mouvements social, historique et culturel. De le rôle de la polyphonie et de l'argumentation, à partir d'une réflexion théorique et d'analyse d'un texte de Luís Fernando Veríssimo.

MOTS CLÉ: Langage verbale, sujets, argumentation, polyphonie.

Introdução

Em um primeiro momento, este estudo tratará de algumas questões teóricas relativas à elaboração e recepção de um texto, enquanto manifestação de um discurso, visto sob uma perspectiva interativa, dialógica, no sentido como a concebeu BAKHTIN (1999).

Em consequência de tal abordagem, tratará, também, das relações estabelecidas entre os interlocutores do processo de interação verbal. Em seguida fará uma breve reflexão a respeito do

fenômeno da polifonia e suas relações com a argumentação, a partir das teorias propostas por DUCROT (1987).

Para finalizar, utilizando-se das reflexões teóricas apresentadas, o estudo procederá a uma análise do texto "critério" de Luís Fernando Veríssimo¹, o qual se prestará a objeto de estudo e aplicação das teorias propostas, servindo também, como fonte de sugestão para que novas reflexões surjam a partir desta análise.

* Professora do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes, Mestranda em Estudos Lingüísticos. Análise do discurso pela UFMG,. E-mail: cmoraes@uai.com.br

Os Atos de Linguagem e os Sujeitos numa Abordagem Interativa

O texto compreende em sua configuração a articulação entre elementos inter e intradiscursivos. Os elementos interdiscursivos dizem respeito à maneira como um determinado discurso estabelece uma interação com outros discursos opostos a ele ou não. Os elementos intradiscursivos, por sua vez, referem-se ao modo como determinado locutor estabelece linguisticamente essa interação, ou seja, é o modo como é tecida a *complexa rede semântica*² que constitui o texto. O texto é, pois, uma *síntese complexa* de interação do discurso com ele mesmo e, também, com um alocutário previsto pelo locutor, que se torna, então, um co-produtor daquele discurso, uma vez que cabe a ele, alocutário, desvelar, identificar, a partir do nível intradiscursivo, inscrito na materialidade lingüística do texto, as contradições e/ou alianças interdiscursivas estabelecidas pelo locutor e desenvolvidas por ele em toda a extensão intradiscursiva.

Da mais ampla ou mais restrita apreensão e compreensão dessa *rede semântica*, que entrelaça *aspectos de heterogeneidade discursiva*, vai depender o maior ou menor grau de interpretação do alocutário e, portanto, um maior ou menor grau de engajamento no discurso instituído pelo locutor.

Assim, o alocutário é convidado, através de um *contrato tácito*³ estabelecido com o locutor, a participar ativamente de uma troca de significação mediada pelo texto. O papel do alocutário será, então, por assim dizer, ativar os seus saberes e colocá-los em interação com o universo discursivo de que faz parte, a fim de reconstruir o(s) sentido(s) do texto.

Portanto, é próprio de todo discurso que ele se construa, contraditoriamente, a partir de seu outro, deixando em si mesmo, implícita ou explicitamente, as marcas dessa heterogeneidade.

Muitas vezes, o locutor procura apagar as *vozes* contraditórias que poderiam fazer-se ouvir, no nível intradiscursivo, e dar vez a apenas uma das *vozes*. Noutras vezes, ele tem um procedimento oposto, fazendo com que essas vozes utilizem o

espaço interno do texto para manifestarem, através de embates, posturas que defendem, caracterizando o espaço discursivo interno do texto, então, como um espaço de polêmicas abertas.

Um discurso se inscreve dentro de uma comunidade lingüística e social, por isso não existe independente das determinações sociais, históricas e culturais dessa comunidade, mas é condicionado por elas. O locutor, ser que toma a palavra, é também, através dessa posse da palavra, alguém que tem uma certa postura diante do mundo, traz em si algumas convicções que estão diretamente relacionadas à forma como ele vê as relações que se articulam numa determinada comunidade lingüística. Mas, ao mesmo tempo em que esse sujeito do ato de linguagem influencia as idéias presentes em seu círculo social, é, de forma dinâmica, influenciado por elas.

É nessa perspectiva interativa do sujeito que determina e sofre determinações sociais presentes implícita e/ou explicitamente em seu discurso, de como os elementos do mundo lingüístico e extralingüístico (cheio de significação) articulam-se, no momento da interação verbal, que será abordada a teoria da polifonia, a seguir, e a análise do texto de Veríssimo.

Polifonia, Argumentação

A questão discutida por DUCROT (1987) a respeito da polifonia, desenvolvendo conceitos propostos por Bakhtin, propõe uma reflexão importante, cara aos estudos da linguagem porque demonstra que as palavras, organizadoras do discurso, dizem muito mais do que parecem estar dizendo, ou seja, a superfície textual, o que está explícito através das formas lingüísticas é um dos componentes da construção do sentido do texto; não é, pois, o único componente. Para compreender a profusão de informações, efeitos de sentido que o uso da linguagem é capaz de produzir, temos, no nosso papel de co-produtores dos textos veiculados pelos sujeitos, que nos remeter aos elementos que circundam os atos de linguagem. A cena enunciativa propõe ou impõe elementos que são fundamentais à construção

do(s) sentido(s) dos textos, da argumentação que se faz em torno das questões propostas pelo locutor ao seu interlocutor, dos jogos manipulativos que se dão através da linguagem. Cabe aqui uma referência às palavras de Bakhtin:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1999:113).

A noção de que o discurso é, inevitavelmente, atravessado pelo princípio da heterogeneidade foi trabalhada por Bakhtin, Ducrot, Authier, entre outros autores, com o objetivo de demonstrar o equívoco da tese da unicidade do sujeito comunicante, isto é, única fonte e origem do seu dizer.

BAKHTIN (1999) discute alguns aspectos relevantes das relações entre sujeito e formação do discurso interior. Ele observa que essa interioridade lingüística se constrói a partir da absorção pelo indivíduo de todo um discurso social, exterior⁴. Isso mostra que a construção da consciência lingüística de cada um de nós obedece a um movimento de interiorização das construções lingüístico-sociais de uma coletividade na qual nos encontramos inseridos, para depois exteriorizar-se novamente, através da interação proporcionada pelo uso da língua.

Dessa forma, não existe um discurso que já não seja, constitutivamente, permeado, de alguma forma, pelo seu outro. Podemos dizer com BAKHTIN (1999) que *a palavra vai à palavra*.

A polifonia se inscreve, portanto, nesse ambiente de afirmação do heterogêneo, do diferente, do outro, das *várias vozes* que são parte integrante do projeto de fala do sujeito comunicante que, utilizando-se da cena enunciativa proposta por ele, argumenta, faz com que os actantes do processo de enunciação movam-se, dando vida aos conteúdos discursivos, através da

palavra, esse *material privilegiado da comunicação*.

Segundo DUCROT (1987), alguns atos de linguagem permitem observar, de maneira clara, a presença de uma pluralidade de sujeitos responsáveis, distintamente, pelo que enunciam. O autor vê, ainda, a necessidade de distinguirmos mesmo esses sujeitos, a fim de compreendermos os papéis desempenhados por eles e sua importância para o todo do ato de linguagem.

Assim, esse autor acredita que, em determinados enunciados ou conjunto de enunciados – textos –, devemos distinguir o seu produtor físico, que ele chama de sujeito empírico, do locutor, ser responsável pelo enunciado, que se identifica, pelas marcas de 1.^a pessoa. Dentro da conceituação de locutor, Ducrot vê, ainda, a necessidade de distinguirmos, desdobrarmos a figura do locutor em L que tem unicamente a propriedade de ser responsável pela enunciação e λ , uma pessoa completa, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado (DUCROT, 1987). O que eles (L e λ) têm em comum é que são *seres de discurso*. Ducrot prefere ignorar as propriedades do autor empírico, uma vez que prefere analisar os enunciados enquanto construções lingüísticas, analisar os sujeitos da enunciação tais *como se apresentam no sentido dos enunciados*. (Ducrot, 1987).

O autor distingue, ainda, entre os sujeitos, a figura do(s) enunciator(es). Citando as palavras de Ducrot: “*seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhes atribuam palavras precisas*” (DUCROT, 1987:192).

A polifonia em textos verbais está, de modo geral, ligada aos recursos, estratégias argumentativas presentes na comunicação lingüística. Esses recursos visam levar o alocutário a posicionar-se frente a um ponto de vista. Argumentar, então, significa a possibilidade de um sujeito comunicante influenciar na formação de uma opinião. Colocar em cena uma pluralidade de vozes diferentes das do locutor ou, mais precisamente, vozes de enunciadores que sustentam pontos de vista diferentes ou não dos do locutor, inclui uma abertura à discussão, à

polêmica. Esse enfrentamento explícito de opiniões divergentes pode sugerir uma atitude de não imposição de um ponto de vista sobre o outro por parte do locutor organizador dos discursos. A adesão do interlocutor aos argumentos se dará, assim, pela vontade, uma vez que ele pôde lidar com um confronto de idéias e escolher a idéia ou idéias que melhor lhe conviessem.

Uma Proposta de Análise de um Texto Polifônico

Procederemos, agora, à análise de como se dá a ocorrência da polifonia no texto *Critério* de Luís Fernando Veríssimo. A abordagem será feita visando à adequação dos aspectos teóricos discutidos aqui à prática da análise.

Primeiramente abordaremos a questão dos sujeitos envolvidos no discurso-texto analisado. Depois verificaremos a importância deles para o *tom* do texto e, finalmente, os papéis representados pelas personagens em cena.

O sujeito empírico, o escritor Luís Fernando Veríssimo, aciona em seu texto um locutor, *ser de discurso*, responsável por situar os leitores na cena enunciativa: Os naufragos de um transatlântico, dentro de um barco salva-vidas (...) contemplavam a antropofagia como único meio de sobrevivência(...).

Esse mesmo locutor é responsável, também, por colocar em cena sujeitos enunciadores dos quais ele organiza os pontos de vista. Esses sujeitos são representados pelas personagens, actantes do processo enunciativo instaurado no texto. Tais sujeitos proporcionam uma imagem de si através da argumentação que utilizam em suas falas. O espaço textual é um espaço de confronto, um espaço caracterizado como de polêmicas, de embates:

“- *Mulheres primeiro - propôs um cavalheiro*

A proposta foi rebatida com veemência pelas mulheres”.

Há, nessa passagem um confronto direto entre duas posturas: uma preconceituosa, machista e outra, a das mulheres, que sugere uma postura indignada, oposta a do homem.

Podemos observar nos sujeitos enunciadores a representação de papéis sociais, tipos que podem ser representativos de *lugares* que se aproximam, pela verossimilhança, ao mundo social de que fazemos parte: o gordo, o magro, o poeta, o atleta, entre outros.

É interessante observarmos que a argumentação utilizada por um sujeito enunciativo é representativa de toda aquela coletividade que tem interesses comuns. Cada personagem constrói seus argumentos, orientando-os no sentido de convencer a platéia e os apresenta como irrefutáveis, uma vez que colocam seus ouvintes como beneficiados pelas idéias que defendem. Eis um exemplo:

- Os mais contemplativos e líricos?
- E quem entreterá vocês com histórias e versos enquanto o salvamento não chega? - perguntou um poeta.

O poeta deixa claro que toda a tripulação vai ser prejudicada se forem sacrificados primeiro.

A cena enunciativa propõe ao leitor, também, uma divisão de classes que se aproxima da sociedade estratificada em que nos encontramos. As personagens que agem neste cenário dividem-se entre aquelas das classes que tem vez e voz e aquelas da classe que nunca tem esses privilégios:

É preciso dizer que esta discussão se dava num canto do barco salva-vidas, ocupado pelo pequeno grupo de passageiros de primeira classe(...) sob os olhares dos passageiros de segunda e terceira classe, que ocupavam todo o resto (...) e não diziam nada.

Se o locutor representado por L é apenas um organizador da cena enunciativa e do movimento das personagens no discurso, percebemos um desdobramento de L em λ em determinadas passagens narrativas. Essas passagens nos dão a impressão nítida de que alguém se posiciona e, de certa forma, se confunde com os enunciadores, pois parece falar de onde eles estão. Essas passagens engajadas do locutor-narrador são percebidas mais ao final do texto que no início, quando ele parece distante, como se quisesse deixar o movimento da

narrativa por conta apenas dos enunciadores – personagens.

Vejam os alguns exemplos de manifestação desse locutor enquanto ser do mundo: “*Esta proposta causou um rebuliço na primeira classe acuada.*”

Aqui há, através do uso do adjetivo, a manifestação de um juízo de valor de alguém que *vê de perto* e parece fazer parte da cena enunciativa. “...*A primeira não era primeira em tudo? Pois seria a primeira no sacrifício.*”

Aqui percebemos uma tomada de postura clara em favor da segunda e terceira classes.

A partir da cena enunciativa proposta, do movimento dos sujeitos locutores e sujeitos enunciativos, inclusive da própria seleção vocabular, como por exemplo, o uso do termo “*cavalheiro*” na primeira fala de uma personagem masculina, ou de observações do locutor como “*era um dilema*”, depreendemos o tom do texto que se caracteriza pelo humor, pela ironia. A cena proposta, que, normalmente, geraria uma situação trágica, aqui adquiriu uma coloração cômica devido ao fato de que ela é uma espécie de alegoria das tensões constantes a que estão expostos os sujeitos divididos em classes sociais e pela possibilidade de os conflitos sociais gerarem situações imprevistas e fora do controle de uma ou de outra classe.

Por que a opção pelo riso leve (não ingênuo), debochado, *admonitório* deste discurso? Torna-se pertinente, pois, fazer uma referência a um comentário de Perelman e Tyteca sobre o *riso de exclusão*⁵:

Este é a sanção da transgressão de uma regra aceita, uma forma de condenar um comportamento excêntrico, que não se julga bastante grave ou perigoso para reprimi-lo com meios mais violentos (PERELMAN E TYTECA, 1999: 233).

Conclusão

Assim, o que caracteriza o texto estudado é a heterogeneidade (discurso relatado em estilo direto, profusão de vozes, de sujeitos, alterando a aparente unicidade do discurso. É o princípio da alteridade, a marca do outro materializando-se no texto.

As questões teóricas abordadas e a análise do texto vêm demonstrar que o espaço textual é o lugar privilegiado do movimento dialógico dos sujeitos, através de seus discursos. A própria natureza do texto institui, portanto, um tipo de leitor/ouvinte capaz de desvendá-lo, preencher suas lacunas, decifrar suas tramas próprias de construção do sentido.

Notas

1 O texto de Veríssimo está totalmente reproduzido na última página deste trabalho.

2 Essa noção de texto é discutida por Antônio A. Moreira de Faria (FARIA, Antônio A. Moreira de. *Sobre Germinal: Interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP. Tese, 1999:34).

3 A noção de Contrato é discutida por Maingueneau (1999) em referência ao contrato literário estabelecido entre interlocutores, contrato esse submetido às normas da interação verbal.

4 Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin tece algumas considerações sobre o discurso interior, a orientação social de todo discurso. Uma passagem que merece uma atenção especial do leitor

5 Perelman e Tyteca utilizaram a expressão *riso de exclusão* em referência a uma análise feita por E. Dupréel

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FARIA, A. A. M. de. *Sobre Germinal: Interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP, tese 1999.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

LISPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, I. L. Brève étude sur la parodie. In: *Caligrama – Revista de Estudos Românicos*. Vol. 4, dezembro, 1999, Universidade Federal de Minas Gerais.

MAINGUENEAU, D. Pragmática para o discurso literário. In: *O Contrato Literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

PERELMAN, C & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

09 – VERÍSSIMO, L. F. Critério. In: *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1994.

Critério

Os naufragos de um transatlântico, dentro de um barco salva-vidas perdido em alto mar, tinham comido as últimas bolachas e contemplavam a antropofagia como único meio de sobrevivência.

- Mulheres primeiro - propôs um cavalheiro.

A proposta foi rebatida com veemência pelas mulheres. Mas estava posta a questão: que critério usar para decidir quem seria sacrificado primeiro para que os outros não morressem de fome?

- Primeiro os mais velhos - sugeriu um jovem.

Os mais velhos imediatamente se uniram num protesto. Falta de respeito!

- É mesmo - disse um -, somos difíceis de mastigar.

Por que não os mais jovens, sempre tão dispostos aos gestos nobres?

- Somos, teoricamente, os que têm mais tempo para viver - disse um jovem.

- E vocês precisarão da nossa força nos remos e dos nossos olhos para avistar a terra - disse outro.

Então os mais gordos e apetitosos.

- Injustiça! - gritou um gordo. - Temos mais calorias acumuladas e, portanto, mais

probabilidade de sobreviver de forma natural do que os outros.

Os mais magros?

- Nem pensem nisso - disse um magro em nome dos demais.

- Somos pouco nutritivos.

- Os mais contemplativos e líricos?

- E quem entreterá vocês com histórias e versos enquanto o salvamento não chega? - perguntou um poeta.

Os mais metafísicos?

- Não esqueçam que só nós temos um canal aberto para lá - disse um metafísico, apontando para o alto - e que pode se tornar vital, se nada mais der certo.

Era um dilema.

É preciso dizer que esta discussão se dava num canto do barco salva-vidas, ocupado pelo pequeno grupo de passageiros de primeira classe do transatlântico, sob os olhares dos passageiros de segunda e terceira classe, que ocupavam todo o resto da embarcação e não diziam nada. Até que um deles perdeu a paciência e, já que a fome era grande, inquiriu:

- Cumé?

Recebeu olhares de censura da primeira classe. Mas como estavam todos, literalmente, no mesmo barco, também recebeu uma explicação.

- Estamos indecisos sobre que critério utilizar.

- Pois eu tenho um critério - disse o passageiro de segunda.

- Qual é?

- Primeiro os indecisos.

Esta proposta causou um rebuliço na primeira classe acuada.

Um dos seus teóricos levantou-se e pediu:

- Não vamos ideologizar a questão, pessoal!

Em seguida levantou-se um ajudante de maquinista e pediu calma. Queria falar.

- Naufragos e naufragas - começou. Neste barco só existe uma divisão real, e é a única que conta quando a situação chega a este ponto. Não é entre velhos e jovens, gordos e magros, poetas e atletas, carentes e ateus... É entre minoria e maioria.

E, apontando para a primeira classe, gritou:

- Vamos comer a minoria!

Novo rebuliço. Protestos. Revanchismo não! Mas a maioria avançou sobre a minoria. A primeira não era primeira em tudo? Pois seria a primeira no sacrifício.

Não podiam comer toda a primeira classe, indiscriminadamente, no entanto. Ainda precisava haver critérios. Foi quando se lembraram de chamar o Natalino. O chefe da cozinha do transatlântico.

E o Natalino pôs-se a examinar as provisões, apertando uma perna aqui, uma costela ali, com a empáfia de quem sabia que era o único indispensável a bordo.